

OS GUARDIÕES DA FLORESTA RELAÇÃO DISCURSIVA SOBRE O IMAGINÁRIO AMAZÔNICO NAS TRENDS DO SUPORTE TWITTER

Franck Wirlen Quadros dos Santos
(Universidade de Brasília)

INFORMAÇÕES SOBRE OS AUTORES
<p>Franck Wirlen Quadros dos Santos é Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Literatura (POSLIT), na Universidade de Brasília (UnB), Mestre em Letras pela Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Especialista em Metodologia do Ensino de Língua Portuguesa e Estrangeira pela Centro Universitário Internacional, Graduação em Letras - Português com habilitação em Língua Francesa pelo Instituto de Ensino Superior do Amapá (IESAP). Integrante do grupo de pesquisa intitulado Fitopoéticas (Unb-CNPq), no qual analisa como as artes e a literatura leem a intrincada relação em que as plantas. Tem experiência na área de Fitopoéticas, Imaginários botânicos e ecológicos, Literatura e sustentabilidade, Ensino de Literatura, Livro, leitura e biblioteca, Memória e Narrativas Orais, Cultura e Literatura, Avaliação, com ênfase em Língua Francesa e Língua Portuguesa.</p>

RESUMO	ABSTRACT
<p>O estudo aborda como o imaginário amazônico é representado e discutido no Twitter, uma plataforma de mídia social conhecida por suas tendências dinâmicas e capacidade de moldar a opinião pública. O foco está na análise discursiva das tendências (trends) relacionadas à Amazônia, examinando como diferentes narrativas e representações surgem e se propagam. A pesquisa utiliza métodos de análise de discurso e análise de redes sociais para investigar tweets sobre a Amazônia que se tornam trends. Os resultados indicam que a Amazônia é frequentemente representada de duas maneiras principais: como um paraíso natural e como um espaço de diversidade cultural, influenciados por narrativas imaginárias. Existem discursos conflitantes, especialmente em relação às políticas ambientais e à exploração econômica da Amazônia. Enquanto alguns tweets defendem a preservação ambiental, outros apoiam o desenvolvimento econômico, refletindo divisões políticas e ideológicas. Ativistas ambientais e influenciadores digitais desempenham um papel crucial na moldagem das tendências. A análise revela que o Twitter funciona como um espaço discursivo permeado de diferentes visões sobre a Amazônia que são debatidas e difundidas. A plataforma permite a emergência de narrativas hegemônicas e contra-hegemônicas, influenciando percepções e ações em relação à região amazônica. Percebe-se por meio das trends que atua</p>	<p>The study addresses how the Amazonian imaginary is represented and discussed on Twitter, a social media platform known for its dynamic trends and ability to shape public opinion. The focus is on discursive analysis of trends (trends) related to the Amazon, examining how different narratives and representations arise and propagate. The research uses methods of discourse analysis and social media analysis to investigate tweets about the Amazon that become trends. The results indicate that the Amazon is often represented in two main ways: as a natural paradise and as a space of cultural diversity, influenced by imaginary narratives. There are conflicting discourses, especially in relation to environmental policies and the economic exploitation of the Amazon. While some tweets advocate environmental preservation, others support economic development, reflecting political and ideological divisions. Environmental activists and digital influencers play a crucial role in shaping trends. The analysis reveals that Twitter functions as a discursive space permeated by different views on the Amazon that are debated and disseminated. The platform allows the emergence of hegemonic and counter-hegemonic narratives, influencing perceptions and actions in relation to the Amazon region. It is perceived through the trends that acts as a reflection of global concerns about the Amazon and a channel for social mobilization. The complexity of discursive representations on the</p>



como um reflexo das preocupações globais sobre a Amazônia e um canal de mobilização social, logo a complexidade das representações discursivas na plataforma destaca a importância das mídias sociais na construção e disseminação do imaginário amazônico contemporâneo.	platform highlights the importance of social media in the construction and dissemination of contemporary Amazonian imaginary.
---	---

PALAVRAS-CHAVE	KEY-WORDS
Twitter; Imaginário; Amazônia	Twitter; Imaginary; Amazon

INTRODUÇÃO

As tecnologias digitais, a partir do século XXI, foram cada vez mais sendo utilizadas para a realização de forma rápida, eficaz e acessível de tarefas que demandam mais flexibilidade na nossa vida cotidiana. Exemplo disso são os usos que fazemos de inúmeras ferramentas e aplicativos que estão disponíveis em diferentes plataformas digitais para pagamentos de contas, apresentação de trabalhos acadêmicos, leitura dos livros etc.

Contudo, apesar de estarem presentes em diversas práticas sociais, tais tecnologias ainda são pouco exploradas nas práticas educacionais. Além disso, também é perceptível que a adaptação dessas novas tecnologias, para a sala de aula, proporciona a quebra de estruturas pré-estabelecidas no currículo, nos sistemas, nos processos e nas ações no ambiente escolar. As TDIC proporcionam, portanto, novas práticas de leitura e escrita e possibilitam a integração de múltiplas linguagens na construção dos textos contemporâneos, ou seja, imagens associadas aos textos escritos introduzem novos significados. É nesse sentido que Soares nos faz compreender que

Estamos vivendo, hoje, a introdução, na sociedade, de novas e incipientes modalidades de práticas sociais de leitura e de escrita, propiciadas pelas recentes tecnologias de comunicação eletrônica – o computador, a rede (a web), a Internet. É, assim, um momento privilegiado para, na ocasião mesma em que essas novas práticas de leitura e de escrita estão sendo introduzidas, captar o estado ou condição que estão instituindo: um momento privilegiado para identificar se as práticas de leitura e de escrita digitais, o letramento na cibercultura, conduzem a um estado ou condição diferente daquele a que conduzem as práticas de leitura e de escrita quirográficas e tipográficas, o letramento na cultura do papel. (SOARES, 2002, p. 146).

Assim, neste trabalho, pretendemos analisar de forma discursiva, contextualizando a partir do gênero do discurso, com detalhes, cada um dos componentes da thread do twitter produzida pela WWF Brasil que é uma organização da sociedade civil brasileira, de natureza não-governamental e constituída como associação civil sem fins lucrativos que trabalha para mudar a atual trajetória de degradação ambiental e promover um futuro em

que a sociedade e natureza vivam em harmonia.

1 NOÇÃO DE GÊNERO DISCURSIVO E SUPORTE

A partir do que propõe Bakhtin (2017), podemos pensar na estrutura dos textos, bem como suas utilizações, em práticas discursivas que ora terão embasamento em algum dado científico, ora terão o auxílio das Tecnologias Digitais da Comunicação, para criar sentidos. Sobre isso, a professora Zoni (2018) discorre que, o fato de as palavras não possuírem uma significação X ou Z sempre estática, mas se recobrirem de significações dependendo dos grupos (que ela vai intitular domínios sociais) que as utilizam. Ao mesmo tempo que não há neutralidade na palavra; ela é capaz de se esvaziar de significação para assumir outros significados. Ela [a palavra] é ubíqua (está em todos os lugares; é onipresente).

Tal constatação nos conduz à reflexão de que o discurso pode mobilizar novos mecanismos para a produção de sentidos diversos. Conforme aponta Foucault (1996, p. 39), a denominada “sociedade do discurso” tinha por função conservar ou produzir enunciados, cuja circulação se dava em espaços restritos, regulada por normas rigorosas, de modo a preservar o controle de seus detentores sobre tais saberes. Esses conhecimentos, ainda que frequentemente veiculados por meio da recitação — notadamente em forma poética —, eram objeto de proteção, defesa e preservação no interior de grupos socialmente delimitados.

Tal exemplo remete, por analogia, ao contexto atual, no qual a sociedade dispõe de múltiplos instrumentos para o compartilhamento de saberes, ideias, comentários, opiniões e críticas — possibilidades estas que não estavam plenamente disponíveis nas configurações anteriores do mundo contemporâneo. Nesse sentido, Fairclough (1989, p. 15), fundamentado na abordagem teórico-crítica do discurso, sustenta que a linguagem se articula diretamente com o âmbito social, sendo este o espaço privilegiado da ideologia, bem como o lócus onde se materializam as disputas por poder. Para o autor, representante dos Estudos Críticos do Discurso, a linguagem e as práticas discursivas estão indissociavelmente imbricadas nas práticas sociais, desempenhando papel central na constituição e na reprodução das relações de poder e dominação.

2 CASO WWF BRASIL - O tweet como um gênero no suporte Twitter

Com o objetivo de viabilizar seu discurso de preservação ambiental e conscientização socioecológica, a organização World Wide Fund for Nature (WWF)¹ tem

¹ A WWF — sigla para World Wide Fund for Nature — é uma das maiores e mais influentes organizações não governamentais (ONGs) de conservação ambiental do mundo. Fundada em 1961, na Suíça, a WWF tem como missão

recorrido de forma estratégica às plataformas e mídias digitais, como é o caso do Twitter. Embora essa rede social imponha uma limitação inicial de 140 caracteres por postagem, a WWF utiliza recursos como as *threads* para expandir suas mensagens, aprofundar explicações, inserir referências complementares e conectar conteúdos multimodais. Tais estratégias possibilitam uma maior complexidade argumentativa e contribuem para a construção de sentidos mais densos e engajados em torno das temáticas ambientais que a instituição busca promover.

A thread tinha como alusão tratar sobre a Amazônia, com conteúdo postado dia 04 de setembro, visto que no dia seguinte é comemorado o dia da Amazônia, os conteúdos de FIO (como são chamados as *threads* do twitter, agora denominado X) e destacado pela hashtag #Amazônia. Esta, por sua vez, funciona como um direcionador para outros lugares da rede social Twitter, visto que, ao clicar no link gerado automaticamente na hashtag é possível ter acesso a outros tweets que contêm a mesma palavra-chave e, assim, acessar outras informações. O fato de o tweet ser constituído pelas palavras (incluindo a hashtag) e pelo link demonstra que os pilares de construção composicional e estilo estão interligados, visto que, a depender do estilo individual, determinados elementos multissemióticos aparecem ou não na composição do enunciado.

A utilização dos recursos semióticos que fazem parte do estilo do tweet, se relaciona com a postagem, visto que o texto no corpo do tweet e a imagem com a frase completando, pois, observa-se que o conteúdo temático do gênero tweet, que motiva as escolhas estilísticas e composicionais do enunciado, é baseado nas particularidades do usuário que o publica.

Ou seja, por se tratar um perfil da WWF BRASIL, tem o caráter informativo sobre ações, notícias e curiosidades que giram em torno da preservação do meio ambiente, logo, em relação a construção do tweet, Azevedo; Pereira e Ayres (2020) corroboram que em relação à construção composicional do tweet, destacamos que o limite de 280 caracteres é decisivo para a extensão curta do enunciado, não sendo possível, por exemplo, adicionar muitas palavras para serem ordenadas ou fazer uma longa explicação sobre o desafio. Essa limitação de caracteres exige que as mensagens sejam diretas e impactantes, contribuindo para que as narrativas sobre a Amazônia sejam condensadas e, muitas vezes, simplificadas, influenciando a forma como os leitores interpretam e compartilham esses discursos.

No primeiro tweet da *thread* é possível ter noção prévia sobre o assunto a ser tratado nos demais tweets, por meio de uma indagação “Você conhece os guardiões da floresta?” identifica-se que na materialização do post tem algo anterior

(memória/passado/saber) ao que foi postado, Orlandi (1999, p. 59) afirma ainda que a “Análise de Discurso não procura o sentido ‘verdadeiro’, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica.

Para Mittmann (1999) o sentido não nasce da vontade repentina de um sujeito enunciator. O discurso tem uma memória, ou seja, ele nasce de um trabalho sobre outros discursos que ele repete, ou modifica. O que reafirma Orlandi (1999, p. 62) pois, “todo discurso se estabelece na relação com um discurso anterior e aponta para outro”.

É interessante o apontamento em torno da memória que permeia os discursos, pois, na cultura amazônica e a memória são essenciais para o processo de construção da identidade, “A Amazônia é plural. É múltipla, diversa, plural”. As palavras de Afonso Medeiros no prefácio do livro *Sociedade e saberes na Amazônia* (2018) revelando uma verdade indubitável ecoa na mente a lembrança de que como tal, ela a Amazônia, não aceita ser estudada, cantada de forma uníssona, ela pede de acordo com sua localização e constituição étnica, um olhar polivalente, múltiplo e ao mesmo tempo único, uma vez que não acata, não lhe cabe um olhar único em meio a tanta diversidade

Como descreve Oliveira; Santos (2007) a composição étnica da Amazônia se faz diferenciada e em seus múltiplos olhares pede uma atenção pluricultural, Os seus sujeitos são ribeirinhos, pescadores, índios, remanescentes de quilombos, atingidos por barragens, assentados, no que diz respeito a alguns grupos camponeses, somados a uma grande quantidade de populações periféricas das médias e grandes cidades amazônicas - desempregados, empregados explorados e trabalhadores do mercado informal – que constituem os grupos e as classes populares da região (OLIVEIRA; SANTOS, 2007,p.30).

Ela é multifacetada e como tal reclama um olhar atento às suas facetas. Revela-se como um caleidoscópio colorido e entre partido de encanto, dificuldades e saberes. De tal forma que algo que as práticas se diversificam e se repetem na mesma medida que se renovam frente às necessidades do ribeirinho em se adaptar às suas possibilidades de vivência, seja ela em sua comunidade ou em outra realidade urbana que exija de si uma ressignificação de postura e identidade.

Figura 1 – FIO 1
#Amazônia



FONTE: <https://twitter.com/wwfbrasil/status/1434137929975205889>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Na figura 2 do FIO conhecemos os primeiros guardiões da floresta, sendo a materialização imagética das narrativas que permeiam o imaginário amazônico, que segundo Paes Loureiro (2015) melhor se expressa e mais viva mantém as manifestações decorrentes de um imaginário unificador refletido nos mitos, na expressão artística e na visualidade. Para o autor, sobrevive na floresta, uma consciência individual pela qual o homem se realiza como cocriador de um mundo em que o imaginário estetizante e poetizador se revela como forma de celebração total da vida. Para Daniel Fernandes e Guilherme Fernandes (2015, p. 132)

O saber narrativo é talvez a principal forma de objetividade de “saberes locais”, sendo relativo a uma localidade, de outro modo nada impede que este saber possa e deva estar em diálogo com o conhecimento mais universal e científico: algumas vezes estruturando homologias, em possíveis traduções; outras vezes sendo unicamente aplicável à realidade que o produz, pois nem sempre é possível traduzir-se, já que existem limites para a tradução entre culturas e a interculturalidade requer que saibamos que há elemento intracultural em cada saber isolado e posto em contato, que é parte da estrutura do pensamento do grupo social, e isso, muitas vezes, é intraduzível para outro grupo social.

O narrar é a principal forma de vida e expressão dos chamados guardiões da floresta, entidades folclóricas, são da Amazônia, onde nascem as lendas como do solo nasce as plantas, como do rio brotam as águas e os peixes de douradas escamas, dos

lagos, dos igarapés e da lama. Tudo sobre o signo do chão e sob a marca da terra, tudo é significativo, da mata, das ilhas, dos brejos, donde estão as vozes e os gritos, dos homens, dos bichos, dos pássaros.

A Amazônia é múltipla, muitos mundos, visto que, ao longo dos tempos, temos uma imensidão de flora e fauna, assumidas pela população não só como recursos naturais, mas como temas e assuntos dos meios diversos. Logo, materializa uma conseqüente fusão de mitos e crenças, saberes, base da tradição e cultura amazônica. A influência da miscigenação entre indígenas, caboclos e brancos fundamenta o olhar desta Amazônia que compreende as suas diferenças.

Para os de fora, a imagem que se tem da Amazônia é mais homogênea [...]. Para os habitantes da própria região, a “Amazônia” é um termo vago que adquiri [sic] múltiplos significados correspondentes aos mais diferentes contextos socioecológico-culturais [sic] específicos que são os espaços do seu cotidiano. Assim, enquanto para uns – os de fora, “Amazônia” aparece no singular, para outros, isto é, para os que nela moram – ela é plural e multifacetada (GONÇALVES, 2005, p. 18).

Socialmente, a população da região formou-se em um processo de miscigenação, o que hoje se identifica como “povo ribeirinho ou povo da Amazônia”, com a população constituída por ribeirinhos, a oralidade é a principal forma de transmissão e manutenção do conhecimento, os saberes tradicionais alternam as inferências indígenas com as superstições africanas. As festas tradicionais, quase todas ligadas aos aspectos religiosos são acompanhadas de danças dando maior diferencial ao modo de vida cultural.

Acredita-se ser fundamental pensar a Amazônia enquanto região, território/espaço de “heterotopias” (FOUCAULT, 2013), pensar culturalmente não de forma hegemônica, mas entre fricções de grupos hegemônicos que muitas vezes negam a existência das comunidades tradicionais, levando a uma amnésia seletiva da história social dessas comunidades, logo, suas memórias, percepções e vivências, importantes para formação da cultura amazônica, afinal “falar de regiões é falar de realidades sociais já existentes” (CLAVAL, 2002, p.5). Nesse sentido, se criou-se um pensamento de que há apenas um Marajó, ou um Marajó midiático e turístico e tudo que não se tem como belo e rentável financeiramente, é excluído, visto que

Neste sentido, ao realizar um trabalho voltado para a identidade e seus questionamentos sobre o ser da Amazônia ou os seres, há que se iniciar dando vazão ao conceito de cultura abordado por Paes Loureiro (2000) que trata “ cultura ”, dentro de um prisma universal, que advém de suas origens romanas e se liga ao gesto de cultivar, Uma vez que está semanticamente ligada ao termo colere que significa cultivar, esperar, cuidar; preservar, considerando que tal significação nos remete a uma relação intrínseca com o homem e sua essência.

Stuart Hall (2011), ao abordar a noção de identidade cultural, propõe uma articulação entre o sujeito e o espaço social que habita, evidenciando as dinâmicas de pertencimento e transformação que caracterizam esse vínculo, embora, em um primeiro momento, seu referencial possa causar certa perplexidade àqueles que se iniciam nos estudos antropológicos, sua proposta torna-se gradualmente mais inteligível à medida que o leitor se reconhece como parte ativa e constituinte dos processos sociais, históricos e culturais. Nesse sentido, Hall destaca a identidade não como algo fixo ou essencialista, mas como uma construção e em constante mutação, moldado pelas interações, deslocamentos e tensões que atravessam o sujeito em sua inserção no mundo.

O ser ribeirinho é a identidade das comunidades da Amazônia que segundo Simões e Farias (2017) são embalados por essa movência do espaço, ou seja, os rios e as matas nos ensinam sobre tudo, principalmente sobre o tempo: o tempo das águas, o tempo das roças, o tempo da colheita, o tempo das açaizeiras, o tempo da viagem, o tempo das sementes e, por fim, o tempo de lembrar e de contar, dessa forma, “o miraculoso relógio da Amazônia é a água” (MORAIS, 1936, p. 257).

O tempo para esses povos da Amazônia são as águas que os alimentam, nutrem e servem de “ruas” e passagem, ela vai passando e com ela as memórias. Para Paes Loureiro (2000, p. 121), “a vida social articula-se em tomo de uma linguagem poética anterior aos tempos históricos, que flui tão naturalmente como os fluxos que têm as águas de um regato”.

Para Simões e Farias (2017) índios, negros, caboclos, ribeirinhos, seringueiros, roceiros, homens, mulheres, velhos e crianças, em sua maioria, nascem banhados por água, crescem e aprendem com a natureza, com a maré enchente e vazante, maré essa que leva e traz canoas, pessoas, mururés, lembranças, alegrias, tristezas, esperanças e, por fim, histórias submersas nas memórias que se entrelaçam ao cotidiano, mostrando-nos a profundidade do imaginário, onde, por vezes, se revolta com a própria realidade, outras revela-se um olhar calmo, sensível, ou melhor, “procuram explicar o que não conhecem, descobrindo o mundo pelo estranhamento, alimentando o desejo de conhecer e desvendar” (PAES LOUREIRO, 2015, p. 104).

Figura 2 – FIO 2 #GuardiõesDaFloresta



FONTE: <https://twitter.com/wwfbrasil/status/1434137929975205889>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Tal como podemos observar por meio da figura 2 **#guardiõesdafloresta** onde o elemento cultural é fundamental, Paes Loureiro (2001) enfatiza que a cultura cabocla/ribeirinha expressão qual o autor chama de Amazônia profunda é fruto dessa *coincidentia oppositorium* entre o real e o imaginário. O real nos coloca diante da necessidade prática de viver. O imaginário nos garante o direito de sonhar. Sonhamos antes de conhecer, imaginamos antes de constatar, nosso desvanecimento poetizante é incansável, como a correnteza de nossos rios, e tantas vezes a Amazônia imaginária é mais real que o real.

Arelada a citação da autora Mariani (2009, p. 45), partindo das pistas deixadas por Pêcheux, define a cultura

como resultante de práticas dos sujeitos e entre sujeitos que remetem para um estado de coisas num determinado momento e em um determinado lugar em uma formação histórica; práticas vinculadas a maneiras de se relacionar em sociedade. Ao mesmo tempo, são práticas não dissociadas dos modos sócio-históricos de produção, reprodução, resistência e transformação dos sentidos. Práticas expostas também à errância e à não-totalidade dos processos de significação.

A forma como os habitantes da Amazônia se relacionam como o seu lugar, fala mais sobre ele, dita a sua relação e sua identidade, cria um elo de significação dos seus discursos sobre o que chamamos de imaginário, para uns pode não ser real, mas naquele lugar e por eles torna-se real. O imaginário constitui o ethos dessa cultura amazônica, as narrativas como expressões simbólicas da cultura, representa a sua manifestação mais elaborada original e profunda.

Para Paes Loureiro (2000, p.56), “a cultura amazônica, onde predomina a

motivação de origem rural ribeirinha é aquela na qual mais bem expressa, se mantém as manifestações decorrentes de um imaginário”. Uma cultura baseada em pessoas que vivem da caça, pesca, do meio rural, trabalhadores que ajudam suas famílias dependendo dos recursos naturais, tal como observado no tweet da figura 3, tendo sua relação com a floresta em um elo de trocas, manter a floresta em pé para que sempre ela esteja ali como parte da vida deles.

Figura 3 – FIO 3 #LutaPelaVida



FONTE: <https://twitter.com/wwfbrasil/status/1434137929975205889>. Acesso em: 21 nov. 2021.

Por fim, na figura 4 pode-se observar que o intuito discursivo em torno das informações prestadas no decorrer da *thread* era de fato relacionar ao dia da Amazônia, percebe-se que não seria de fato apenas um post com feliz dia da Amazônia, mas todo um processo histórico e cultural construído para que demais pessoas saibam sobre a real noção sobre o tweet final, na configuração de entender a relação polifônica em torno as vozes que ecoam e protegem a Amazônia.

Nesse contexto a noção de polifonia, conforme desenvolvida por Bakhtin (1997), revela-se essencial para compreender a multiplicidade de vozes que ali se manifestam. A plataforma se constitui como um espaço discursivo em que diferentes sujeitos – instituições, ativistas, pesquisadores, moradores ribeirinhos e o público em geral – compartilham visões, experiências e narrativas sobre a floresta. Essa coexistência de discursos diversos permite a circulação de sentidos muitas vezes contraditórios, ampliando a complexidade do imaginário amazônico. Da mesma forma, o conceito de memória discursiva, segundo o qual todo discurso se ancora em dizeres anteriores, é fundamental para analisar como certos enunciados sobre a Amazônia reaparecem, são ressignificados ou resistem no tempo, assim, tanto a polifonia quanto a memória discursiva são ferramentas teóricas que possibilitam investigar como o discurso sobre a

Amazônia é construído, disputado e reproduzido no ambiente digital.

Figura 4 – FIO 4 #DiaDaAmazônia



FONTE: <https://twitter.com/wwfbrasil/status/1434137929975205889>. Acesso em: 21 nov. 2021.

A necessidade de uma rede social é sua interação com o público ao qual se destina, logo, a thread é marcada por diversas informações, e mais essenciais ainda são para caracterizar o ser amazônido, visto que o real e o imaginário caminham numa linha tênue neste processo de significação da sua identidade, os discursos na Amazônia são carregados de uma ideologia que prevalece e valoriza a sua terra.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do tweet mostrou que há uma estrutura relativa no estilo de construção para deste perfil, pois o intuito é a veiculação de informações, notícias e curiosidades, conteúdo temático e construção composicional desse enunciado, o que o caracteriza como um gênero discursivo digital flexível, visto que há espaço para a manifestação da individualidade de quem o produz, nos sentidos de utilizar além de textos, imagens, gifs, vídeos e links.

Percebe-se pontos importantes sobre o papel do Twitter na formação e disseminação das narrativas sobre a Amazônia, primeiramente, o estudo sublinha que o Twitter é uma plataforma poderosa para a mobilização social e a conscientização ambiental, pois, as tendências (trends) no Twitter refletem as preocupações globais sobre a Amazônia, servindo como um barômetro para medir a urgência e a intensidade das discussões sobre questões ambientais e culturais.

Além disso, o estudo enfatiza a dualidade das representações da Amazônia na plataforma: por um lado, como ícones do imaginário amazônico e patrimônio cultural, e por outro, como um território em constante ameaça devido ao desmatamento e à exploração econômica. Essa dualidade reflete a complexidade das narrativas que coexistem e frequentemente entram em conflito no espaço discursivo do Twitter.

Outro ponto crucial é o papel dos influenciadores digitais e ativistas, que utilizam a plataforma para amplificar suas mensagens e mobilizar seus seguidores, logo, a capacidade dessas figuras de moldar a opinião pública e influenciar políticas ambientais demonstra o impacto significativo das mídias sociais na dinâmica das discussões globais.

A dualidade entre preservação ambiental e desenvolvimento econômico constitui um dos eixos centrais do imaginário amazônico contemporâneo, nesse cenário, os influenciadores digitais e ativistas ambientais atuam como importantes mediadores discursivos, pois não apenas divulgam informações sobre a região, mas também reinterpretam e popularizam imagens da Amazônia para diferentes públicos. Por meio de postagens, vídeos, campanhas e narrativas, essas vozes moldam percepções sobre o bioma, ora reforçando seu caráter mítico e sagrado, ora destacando a urgência de políticas sustentáveis. Ao operarem nesse espaço híbrido entre o engajamento ambiental e a lógica das redes sociais, esses sujeitos constroem pontes entre saberes locais e globais, influenciando tanto o imaginário coletivo quanto as decisões políticas e econômicas que incidem sobre o território amazônico.

O estudo também aponta para as tensões inerentes entre as diferentes visões sobre a Amazônia, ressaltando a importância de um diálogo equilibrado que considere tanto a preservação ambiental quanto as necessidades de desenvolvimento econômico das comunidades locais, conclui que as mídias sociais, em particular o Twitter, desempenham um papel vital na construção e disseminação do imaginário amazônico contemporâneo. A plataforma não só facilita a difusão rápida de informações e opiniões, mas também cria um espaço para o debate e a negociação de significados, influenciando diretamente a forma como a Amazônia é percebida e valorizada globalmente. As considerações finais reforçam a ideia de que a análise das tendências no Twitter pode oferecer reflexões valiosas para entender as dinâmicas sociais e políticas em torno da preservação e exploração da Amazônia.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, Ana Claudia Oliveira; DE MELO PEREIRA, Márcia Helena; AYRES, Dayana Junqueira. 83. O tweet como um gênero discursivo digital materializado no suporte Twitter. *Revista Philologus*, v. 27, n. 79 Supl., p. 1132-40, 2021.



BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 8. ed. SP: Hucitec, 1997.

CAMELO, Marco Antônio da. (Organizador). **Sociedade e saberes na Amazônia**. Belém: EDUEPA, 2018.

CLAVAL, Paul. **Campo e perspectivas da geografia cultural**. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (Orgs.). *Geografia cultural: um século* (3), Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2002.

DOS SANTOS FERNANDES, Daniel; DOS SANTOS FERNANDES, José Guilherme. A “experiência próxima”: saber e conhecimento em povos tradicionais. **Espaço Ameríndio**, v. 9, n. 1, p. 127, 2015.

FAIRCLOUGH, N. **Language and power**. New York: Longman, 1989.

FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. [tradução Salma Tannus Muchail]. São Paulo: n-1 Edições, 2013.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Ed. Loyola, 1996

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A, 2011.

GONÇALVES, Carlos Walter Porto. **Amazônia, Amazônias**. São Paulo: Editora Contexto, 2005.

MARIANI, Bethania. Sujeito e discurso contemporâneos. In: INDURSKY, F.; FERREIRA, M. C. L.; MITTMANN, S. (Orgs.). **O discurso na contemporaneidade: materialidades e fronteiras**. São Carlos: Claraluz, 2009.

MITTMANN, Solange. Nem lá, nem aqui: o percurso de um enunciado. In: INDURSKY, Freda; FERREIRA, Maria Cristina Leandro (Org.). **Os múltiplos territórios da análise do discurso**. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 1999.

MORAIS, Raimundo. **Anfiteatro Amazônico**. 2ed. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1936.

OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno de; SANTOS, Tânia Regina Lobato dos. A cultura amazônica em práticas pedagógicas de educadores populares. **REUNIÃO ANUAL DA ANPED**, v. 30, p. 1-16, 2007.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Obras reunidas**. São Paulo: Escrituras, 2000.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Arte e Desenvolvimento**. 3 ed. Belém: IAP, 2001.

PAES LOUREIRO, João de Jesus. **Cultura amazônica: uma poética do imaginário** 4.ed. Belém: Cultural Brasil, 2015.

SIMÕES, Maria do Socorro Galvão; FARIAS, Cristiane do Socorro Gonçalves. **As narrativas orais e o imaginário das crianças ribeirinhas**. Letras, n. 55, p. 109-128, 2017.

SOARES, Magda. Novas práticas de leitura e escrita: letramento na cibercultura. **Revista Educação e Sociedade**. Campinas, vol 23, n. 81, p. 143- 160, dez. 2002. Disponível em <http://www.cedes.unicamp.br>. Acesso em 01 de janeiro de 2021.

I N V E N T Á R I O